

ANÁLISE COMPARATIVA DO FILME E DO LIVRO *FAHRENHEIT 451*

Frederico Helou Doca de Andrade

Discente do Curso de Letras da Faculdade de Educação, Comunicação e Turismo da
Universidade de Marília – UNIMAR, em Marília/SP – Brasil.

RESUMO

Este projeto consiste em analisar o filme *Fahrenheit 451*, do diretor francês François Truffaut, comparativamente ao livro homônimo, de Ray Bradbury. Sucintamente, o filme trata da queima de livros por bombeiros às avessas, dos moradores de uma sociedade num futuro não muito distante, na qual os cidadãos são completamente manipulados por televisores. A máxima do filme é: “E se você perdesse o direito de ler?” Partimos do pressuposto de que o consumo extremado unicamente da cultura de massa televisiva, em detrimento da educação dos seres humanos por meio de livros, nos levará a uma sociedade iletrada, assim como no romance e no filme.

Palavras-chave: Cultura de massa; televisão; *Fahrenheit 451*, François Truffaut.

ABSTRACT

This paper deals with the analysis of the film *Fahrenheit 451*, by the French director François Truffaut, in a comparative way to the homonym book, by the American author Ray Bradbury. Briefly, the film goes on the firing of the inhabitants' books by altered fire fighters, from a society in a not too far future, in which citizens are completely manipulated by television sets. The maxim of the movie is: “What if you had no right to read?” Hence, the whole society is illiterate. We started through the purpose that intense and single consumption of mass culture – represented mainly by television – substituting the education through book reading may take us to a illiterate condition, just as in the novel and in the film.

Key-words: Mass culture; television; *Fahrenheit 451*, François Truffaut.

I. INTRODUÇÃO

Este projeto tem por finalidade fazer uma análise comparativa entre o filme e o livro *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury¹, sendo o

livro primeiramente publicado em 1953 e o filme feito em 1967.

O tema central de ambos os textos é a massificação de uma sociedade em um futuro não muito distante (de acordo com o livro, passa-se em 1991) que é alimentada pela televisão, ou seja, recebem todo o conhecimento de uma maneira condensada e manipulada ao gosto do Estado. Nesta comunidade, também, existe um grupo de bombeiros que ostentam, em seus uniformes, o número 451, que significa a temperatura pela qual o papel dos livros entra em combustão (em graus Celsius, equivale a 250° C). E esses bombeiros vão de casa em casa queimando os livros remanescentes que alguns cidadãos ainda insistem em ler, já que perderam o direito à leitura que, na opinião do governo totalitário vigente, corrompe as mentes humanas e os deixa infelizes.

Nosso objetivo central é o de, além de comparar os dois tipos de texto, o filmico e o bibliográfico, realçar a importância que a leitura tem no processo educacional, sendo base forte para a aquisição não só de conhecimentos, mas também instrumento para a formação de cidadãos críticos e capazes de questionar, indagar e argumentar sobre quaisquer temas ou assuntos que estão inseridos no cotidiano desses.

II. FAHRENHEIT 451, O FILME

Produzido em 1967 pelo cineasta François Truffaut², este filme teve grande repercussão quando foi lançado à época. Truffaut, bastante influenciado pelas técnicas cinematográficas de Alfred Hitchcock, que incluíam *closes* de câmera inusitados, trilha sonora magnífica, trabalho experimental com *claro-escuro*, dentre outras técnicas do mestre do suspense, adaptou muito bem o romance de ficção científica de Ray Bradbury ao cinema.

As diferenças comparativas que detectamos entre o filme e o livro foram as que dizem respeito à supressão de uma das personagens, que, na verdade, não seria bem uma personagem, mas sim um artifício do governo para controlar ainda mais a vida dos cidadãos americanos do mundo de Ray Bradbury – o Sabujo Mecânico (em inglês, Mechanical Hound). Abaixo, transcrevemos a partir do

livro a descrição que Bradbury faz do Sabujo Mecânico quando capturava suas presas:

Nas noites em que as coisas ficavam enfadonhas, ou seja, todas as noites, os homens deslizavam pelos postes metálicos e ajustavam as combinações do sistema olfativo do Sabujo e soltavam ratos no pátio do poço de ventilação do prédio, ou às vezes galinhas ou mesmo gatos, que de qualquer maneira teriam de ser afogados, e ficavam ali apostando para ver qual dos gatos, galinhas ou ratos o Sabujo agarraria primeiro. Os animais eram soltos. Três segundos depois o jogo estava terminado, com o rato, o gato ou a galinha apanhados a meio caminho do pátio por patas delicadas, enquanto uma agulha de aço de dez centímetros se projetava da probóscide³ do Sabujo para injetar doses enormes de morfina ou procaína. A presa era então lançada no incinerador. Um novo jogo começava. (BRADBURY, 2003, p. 46-47)

Dos vários personagens mostrados no filme, longe de ser o protagonista, o bombeiro Montag, talvez o mais intrigante e interessante seja o chefe dos bombeiros Beatty, um velho autoritário, geralmente de bom humor e atitudes suspeitas. Antigamente, quando os primeiros bombeiros foram treinados para o tipo de trabalho dito por nós acima, o de incinerar livros, eles tinham de absorver o máximo possível de livros que pudessem ler. Portanto, Beatty tinha um conhecimento vasto e fascinante de obras de autores consagrados e famosos como Platão, Cervantes, Shakespeare, Mark Twain, Herman Melville, Charles Dickens, dentre outros.

Em uma das cenas do filme, Beatty e seus subordinados, recebem um chamado para queimarem livros de um casarão onde morava, sozinha, uma senhora que amava seus livros. Quando encontra uma biblioteca secreta no sótão, diz a Montag que tudo o que havia lá era lixo, não passava de inflação do ego dos escritores que haviam escrito tais obras. Na cena subsequente, ele segura *Minha Luta*, de Adolf Hitler nas mãos e diz que **todos** os livros deveriam ser queimados, sem exceções. Podemos fazer uma alusão, nesta cena, com o período hitlerista em que montanhas de livros judeus proibidos eram queimados em praça pública, tamanha era o ódio da raça ariana por essa nação.

No final do filme, quando Montag deserta a corporação de bombeiros e segue a linha do trem rumo a uma comunidade isolada da civilização, onde moravam as Pessoas-Livro, destacamos aí a melhor cena do filme, na qual pessoas têm de decorar livros inteiros

a fim de tornarem-se livros, para que assim possam perpetuar o conhecimento e, findo o período de tirania das televisões, possam imprimir os livros novamente. Assim é mostrada essa cena:

— Milhares nas estradas, nos trilhos abandonados, hoje à noite, vagabundos por fora, bibliotecas por dentro. A princípio, nada foi planejado. Cada homem tinha um livro de que desejava se lembrar e se lembrou. Depois, durante um período de cerca de vinte anos, fomos nos encontrando, em viagens, e passamos a estreitar a rede frouxa e a definir um plano. A coisa mais importante que tínhamos de incutir em nós mesmos foi que não éramos importantes, não devíamos ser pedantes; não devíamos nos sentir superiores a ninguém mais no mundo. Não somos nada além de capas empoeiradas de livros, sem nenhuma outra importância. Alguns de nós vivem em pequenas cidades. O capítulo um de *Walden*, de Thoreau, em Green River, o capítulo dois em Willow Farm, no Maine [...] (BRADBURY, 2003, p. 188)

Outro fato curioso na comparação de ambas as obras, é a morte da personagem de Clarisse no livro. Ela é uma professora primária de 17 anos que tinha um gosto ferrenho por livros e era extremamente inquietante, sempre fazendo perguntas do porquê das coisas. No livro, ela é pega junto a seu tio em sua casa e é queimada junto. Já no filme, ela aparece na cena final com as Pessoas-Livro, sendo um livro francês.

III. A DISTOPIA DE THOMAS MORUS EM *FAHRENHEIT 451*, O LIVRO

O relato de Bradbury é incluído na categoria das “distopias”, apesar de ser classificado como um livro quase que puramente de ficção científica. Segundo Roberto de Sousa Causo, distopia é “a descrição de um lugar fora da história, em que tensões sociais e de classe estão aplacadas por meio da violência ou do controle social”. A distopia, portanto, é uma “utopia negativa”, é o contrário da utopia.

As utopias surgiram como uma imagem invertida do real, como uma espécie de contrapartida positiva da razão crítica: se uma das atitudes filosóficas mais persistentes ao longo do tempo é o antidogmatismo e a denúncia de uma sociedade construída sobre um sistema de mistificações (o mito, a religião, a ideologia), a utopia seria o mundo possível a partir do momento em que todas essas crenças tivessem sido superadas.

Ressalta daí uma das características das utopias: elas parecem irreais porque são racionais em excesso, porque contrastam com a irracionalidade reinante nas relações sociais (...).

As utopias são constituídas por nações idílicas⁴, em que homens solidários e justos mantêm relações de cordialidade em meio a uma natureza dadivosa e domesticada, que serve de celeiro e jardim da humanidade. As utopias são, por assim dizer, o sonho da razão, além de uma vulgarização do humanismo – e por isso as grandes utopias ocidentais estão compreendidas entre o Renascimento e o fim do século XIX. (BRADBURY *apud* PINTO, 2003, p. 15)

Tendo em vista este trecho de Manoel da Costa Pinto no Prefácio de *Fahrenheit 451*, o mundo em que vivem Guy Montag, Mildred, sua esposa, Clarisse e o chefe dos bombeiros Beatty é quase surreal, sendo uma sociedade completamente totalitária e despótica, podendo ser comparada a outras obras que seguem a mesma linha ideológica, como *1984*, de George Orwell, assim como também sua obra *A Revolução dos Bichos*.

Nos Estados Unidos da América futuristas, não há traços que evidenciam a suposta alta tecnologia que esperaríamos. As casas são comuns, salvo que são feitas à prova de fogo para não precisar de bombeiros, que executam outra função; as pessoas não voam em carros que suspendem-se, muito menos há robôs trabalhando em conjunto com seres humanos. Há, no máximo, algumas sofisticações tecnológicas: as pessoas deslocam-se a seus trabalhos por meio de um monotrilha e os equipamentos dos bombeiros são pouco sofisticados, contando com carros mais ágeis e lança-chamas e roupas à prova de fogo para queimar os livros.

A televisão ou mais precisamente as paredes-TV exercem um papel importantíssimo em *Fahrenheit 451*, já que são o meio de comunicação mais utilizado pela população. Em uma comunidade em que todos têm de tomar estimulantes sexuais, pílulas para dormir, anfetaminas e outras drogas que os deixam “desligados” do mundo, não seria novidade para ninguém que a TV fosse talvez a única fonte de informação dessas pessoas. Há, em todas as casas, TVs mostrando peças de teatro interativas em que supostamente os participantes telespectadores teriam de responder às perguntas dos atores. Mas o que ocorre, na verdade, é que, por exemplo, no caso de Mildred, deve haver milhões de Mildreds no país inteiro. Ela fica

achando que a exclusividade de participar da peça era só dela. A TV, portanto, fica sendo sinônimo de felicidade. No meio do livro, Montag está prestes a receber uma promoção em seu trabalho. A única preocupação de sua esposa é a de saber se haverá dinheiro o suficiente a partir dos proventos do marido para poder instalar mais uma tela na parede para perfazer quatro, mantendo a “família” completa. A relação dos dois é fria e distante, pois Mildred ocupa quase todo seu tempo com frivolidades e futilidades provenientes da televisão.

Quando Montag começa a esconder os livros que não queima, entra em um mundo encantador e passa a questionar se é realmente feliz ao lado da mulher. Chega a perguntar para ela quando se conheceram. Mas ela não sabe responder. Quando ela descobre que ele plantou livros em sua casa, ela o delata aos bombeiros.

Falando sobre educação, que é um dos objetivos centrais de nossa pesquisa, há uma cena somente no filme em que Montag vai junto à escola onde Clarisse lecionava, visto que ela fora demitida por incitar a leitura e a curiosidade nas crianças. Quando passam pelo corredor que leva às salas de aula, há, em uníssono, várias crianças declamando mecanicamente a tabuada: “Um vezes dois é igual a dois; dois vezes dois é igual a quatro...” Isso, de um ponto de vista da educação defendida por Paulo Freire, é um ultraje, pois o consumo de conhecimento preparado por outrem é inadmissível. A educação tem de basear-se não em assimilação por meio da decoração de termos, fórmulas, máximas, postulados e pressupostos, mas sim no questionamento do porquê dessas coisas existirem, formando alunos cada vez mais críticos e cientes das transformações do mundo. Podemos fazer aqui, também, uma analogia com uma cena do filme *The Wall*, 1980, do grupo de rock inglês Pink Floyd, em que centenas de alunos sentados em carteiras passam por uma esteira até caírem em um moedor de carne, demonstrando a massificação literalmente da produção de conhecimento em massa.

IV. DEPOIMENTO DE ANNETE INSDORF⁵

Na primeira vez em que vi *Fahrenheit 451*, não tinha certeza do que pensar. Analisei esse inquietante filme de ficção científica. Pensei: OK, efeitos especiais, e imediatamente

prestei atenção na noção de François Truffault, cujos primeiros filmes eu tinha visto como *Shoot the Piano Player*, *The 400 Blows* e *Jiws and Jean*, aí pensei: como pode o diretor de histórias íntimas e amáveis sobre relacionamentos fazer um filme sobre a história de Ray Bradbury? E ainda por cima em inglês! Enquanto eu o assistia, senti que não tinha nada a ver com ficção científica, tem? Assisti pela segunda e, na verdade, pela terceira vez para perceber o quão rico o filme *Fahrenheit 451* é. Se você perscrutá-lo como eu inicialmente fiz, assumindo que verá efeitos especiais e uma visão real do futuro, esqueça! O que você verá, entretanto, é realmente a paixão e homenagem de Truffault à literatura, pela palavra escrita, pela noção de um texto como uma entidade viva e que respira e o processo que ainda pode nos afetar. Eu acho que isso foi o que me prendeu a atenção de François Truffault na idéia de *Fahrenheit 451*.

Nos anos de 1960 Truffault estava entrevistando Alfred Hitchcock com um gravador, juntamente com Helen Scott e *Fahrenheit 451* foi lançado no mesmo ano que o livro de entrevista com Hitchcock foi publicado, 1967. Então eu liguei para Hitchcock na época. Em *Fahrenheit 451* Truffault estava trabalhando com um tipo diferente de cinematografia, com o grande cinematógrafo, à época, Nicolas Role que, desde então, é claro, tornou-se um grande diretor por merecimento. E acho que ele estava experimentando, com Role, maneiras de usar expressividade visual, ao invés do diálogo para expressar o tema, o enredo.

Então, um pouco da influência de Hitchcock pode ser sentida aqui.

Hitchcock trabalhou muitos anos em branco e preto, conseguindo grandes nuances fora do poder do cinza e *claro-escuro* internamente, e aí ele faz o filme de uma maneira espetacular, na qual ele empurra com uma vertigem, por exemplo, levando as cores ao extremo. E acho que há um pouco disso acontecendo no filme, de certa forma. A vermelhidão, por exemplo, de certas imagens no filme: a coisa vermelha na qual você deposita suas cartas é mais vermelha que um vermelho típico que eu conheço. Nós devemos também que *Fahrenheit 451* dá a ele a chance de trabalhar com Bernard Hermann, o grande compositor responsável por, eu acho, nove dos filmes de Hitchcock. (Tradução Nossa)

V. CONCLUSÃO

Podemos inferir e concluir, a partir de tudo o que foi exposto por nós no decorrer deste trabalho que, ainda não foi inventada uma forma de substituir a aquisição de conhecimento por meio dos livros e que sua extinção, assim como na comunidade de *Fahrenheit 451* levaria à alienação da massa cada vez mais ignorante, manipulada pelos meios de comunicação de fácil acesso e fácil compreensão.

Podemos ainda dizer que um livro é a essência do conhecimento e que uma nação repleta de leitores vorazes é uma nação desenvolvida. Já uma nação cerceada pelo gosto somente da televisão, é uma nação atrasada culturalmente e economicamente. Infelizmente esse quadro se aplica um pouco ao Brasil que, apesar

de ter um número considerável de leitores e de pessoas interessadas em adquirir conhecimento não só pelos meios de comunicação em massa, ainda resiste a esse engrandecimento cultural.

VI. BIBLIOGRAFIA

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2003. 215 p.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 149 p.

MORUS, Thomas. *Utopia*. Tradução de Paul Turner. Londres: Penguin Books, 2003.

TRUFFAULT, François. *Hitchcock*. Nova York: Paperback, 1998.

ANNETTE INSDORF. Disponível em:

<<http://www.rottentomatoes.com/author-10793/>>. Acesso em 5 set. 2005

O PRAZER DOS OLHOS. Disponível em:

<http://www.zahar.com.br/cat_detalhe.asp?id=0966>. Acesso em 10 out. 2005.

RAY BRADBURY. Disponível em:

<<http://www.raybradbury.com/>>. Acesso em 9 out. 2005

NOTAS

1 Ray Douglas Bradbury (1920) nasceu em Waukegan, Illinois e é escritor de ficção científica, dramaturgo, poeta e ensaísta.

2 François Truffault (1932-1984), diretor de cinema francês que lançou diversos filmes famosos como *Fahrenheit 451* (1967), *Os Incompreendidos* (1959) e *Jim e Uma Noite Americana*, dentre outros.

3 Protrusão tubular na parte anterior do corpo de animal, como, por exemplo, dos enoplos.

4 Nações de devaneio.

5 Professora universitária da Universidade de Colúmbia, em Nova York e autora de um estudo crítico sobre François Truffault.

